



O PREGÃO de S. NICOLAU

Recitado aos 5 de Dezembro de
1994, nas ruas e praças da cidade de
Guimarães pelo jovem nicolino

RUI MIGUEL DIAS DE CASTRO VIEIRA

e pelo autor dedicado a todos os Nicolinos
já falecidos, em especial a:

*Rui Jorge Fernandes Leite e
José Carlos Martins Gouveia*

*espertai, antigas musas, acordai!
Venho hoje tirar-vos do letargo
Exigir de vós trabalho: Inspira!
Penosa tarefa esta a do meu cargo.
Minha voz atroará nesta cidade
Dela serei hoje o orador.
Ob musas dai-me a sagacidade
De Júpiter o Olímpico Senhor!*

*Quero em mim a raiva incontida
De Neptuno que ostenta seu tridente
De Hércules quero a força bem medida
Para levar minha empresa em frente.
Embebei as vocais cordas ressequidas
Que pelo néctar tanto têm esperado
Pois em vasilhas Baco tem escondidas
As bebidas porque eu tenho suspirado.*

*Agora, com a voz de um tenor
Descobrirei, Guimarães teus pecados;
Meu povo, deles tal é o teor
Qu'os cabelos tenho arrepiados.
Silêncio Nicolinos, que vou começar!
Se alguém escapar será façanha.
Sem dó nem piedade e sem cessar
Desde as primícias investirei com sanha!*

*ntão, para o quadro encetar
Temos guerra entre os maiorais.
Soares, contra Cavaco sem parar,
A conversa é aticada p'los jornais.
O que vale é ser Soares ambulante
Senão teríamos todo o santo dia
Um diálogo surdo-falante
E o País seria uma anarquia!*

*Soares continua a jornada
A presidência é agora toda aberta.
Pois todos concordamos: é maçada
Viver nesta nação incerta
"Neste país não quero ficar
Senão por cair doente acabo"
Será que é mesmo p'ra acreditar
Ou terás tu lume no rabo?*

*Balsemão, já lbe cheira o lugar
Sampaio, também quer o seu assento
Eanes, à presidência quer voltar
Deixem-me rir ou senão rebento.
Bom povo, não há volta a dar
Votar num ou noutro? É ilusão!
Porque quem continua a mandar
Podem crer que é o mesmo Cavacão!*



*icolinos, concidadãos, meu País!
Portugal é alvo de chacota
Nosso povo faz barulho, infeliz
Contra Cavaco o Mendo e o Mota
Mas porque é que o povo se queixa?
Porque fala tanto em desgraça
Cavaco sua defesa não desleixa:
"No Cavaquistão nada se passa"*

*Revirando o Governo e Parlamento
Portugal continua sempre igual:
O Poder diz que é bom o momento
A Oposição diz que vai tudo mal.
E a gente, ao som da valsa, dança
Sem saber ao certo o que é verdade:
Se eles andam só a encher a pança
Ou se há porém, boa-vontade.*

*Cavaco teu descanso acabou
Sinto a língua a fervilhar.
Sôr Ministro, pronto já estou
Tenha cuidado, eu vou atirar.
Não quero respostas evasivas
À guisa do Estado da Nação
Quero-as eu decisivas
E comigo toda a população!*

*Que bagunça é, afinal aquela
Taxas em impostos transformar
Pensas que o Povo cai na esparrela
De uma ponte duas vezes pagar?
Recuperar a calma, emendar a mão
Bem tentaste mais o teu compincha
Houve presente para ti: o buzirão
Do Amaral disseram que relincha!*

*Então era só vê-los passar
Como foguetes voavam nas portagens.
Meus Senhores, era uma corrente d'ar
Senti o frio mesmo p'las imagens
"Inaugure-se, perto estão as eleições
Pode ser então que o povo amanse"
Muito se fala mas essas acções
No jornal, vêmo-las de relance.*

*Buzinas, buzínões e buzininbas!
Depois disso ainda outra ele tramou
Mandou o legislador às malvinbas
E disse porque não regionalizou.
Não o fez e nem sequer o fará
Pois seria deveras impopular
Rejubila, meu povo, ainda há
Quem se orgulha de as leis violar!*

*Noventa e quatro era ano de revisão.
Mais uma que não chega a seu termo
Afinou-se pelo velbo diapasão
Não o deixou o partido do Governo
Houve sim o jogo do empurra;
Disse o Cavaco: "a culpa é socialista
O Guterres é que é caturra
Não tem ânimo revisionista".*

Mal também vai o Laborinbo
Tudo quanto é lei ele quer mudar
Nos bastidores há um burburinbo
Que tudo na mesma vai ficar
Em dez anos se resolve um processo
O advogado arrecada honorários
O tribunal permanece em recesso
Porque trabalhar é para os otários!

O meu velhinbo televisor
A tudo está habituado:
A ouvir Cavaco, o Salvador
Em discurso deveras enfatuido.
Veloz será a retoma económica
Da U.E. virá de dinheiro um saco
A soma é de tal modo astronómica
Que dará para tapar todo o buraco.

Mas qual, meu povo, não sei.
Se é o da dívida, ou do orçamento;
Nas finanças só manda o rei
E se tapar o dele, como lamento!
Está na altura de abrir os olhos
Que vem aí outra guerra:
Esta com punhos de folbos
P'ra ver quem mais lixo enterra.

Aterros. De mil e um já se falou
Avançar (o tanas) nada se mexe!
Mas a Secretária já pensou
Deles, no país, fazer creche.
As autarquias certo não os querem
Manifestações há em toda a parte.
Dou a ideia: porque não transferem
Os malditos aterros p'ra Marte?

Num aterro deve estar submersa
A famigerada concertação.
Não há acordo. Fim de conversa.
Fica-se com o trabalhador na mão.
Enquanto os homens da chefia
Discutem com os sindicatos
Os trabalhadores em agonia
Vazios, ficam a ver pratos.



l
nossa cultura foi dado abanão
Lisboa esteve à altura do recado
E diz-se que o Santana é garanbão
Deixa o coração despedaçado
Torloni, um pouco do país levaste
Pois Santana, manboso, a sorrir
Não há ninguém que não arraste
Nem lbe ofereça o seu "souvenir".

Malfadadas as provas globais
E da teimosa Ministra, a dureza
A contestação e o granel foram tais
Que quase perdeu sua firmeza.
O estudante lá foi descontente
Depois, de relutante, resignado.
A senhora ao menos sente
Nosso completo desagrado?

Monteiro, montou seu cavalo
Tentou a moção de censura
"Toda a podridão eu não calo
Desça do trono, a linha dura"
Cavaco terá então bocejado
E disse pois à maioria:
"Votem ao vosso agrado
Poderá é acabar a serventia"

Como se fosse então uma jogada
Cavaco carregou num botão
Levantou uma varinha de fada
Tudo contra nem uma abstenção!
Choroso ficou Monteiro
Virou-se contra seus deputados
Brito levanta-se primeiro
Diz que foram difamados.

Sobre Abril vinte anos são passados
Vem-se agora a descobrir
Que os papéis à Pide "abafados"
De Portugal conseguiram sair.
Deputados logo se insurgiram
Contra o que os Comunistas fizeram
Mas de pronto, as culpas "fugiram":
Não fomos nós - eles disseram

Da nossa administração local
Vem o escândalo mais recente:
Na Guarda se algo corre mal
Mata-se nem que seja inocente.
É assim, corre, no Governo Civil
Se por acaso há mau olhado
Prepara-se num instante o ardil
Passa-se de óbito o certificado.

O nosso sector têxtil agoniza
A crise do Vale do Ave continua
Proclama a lusa pitonisa
Discursam profetas na rua
"Será rápido o ressurgimento
As empresas bão-de reabrir!"
Mas os desempregados em regimento
Descrêm de todo do porvir.

O Pinbeiro, comissário da Europa
Meteu água em vez do vinbo defender.
Votou contra a lusa tropa:
A vinicultura deitou a perder
Cortem-se bagos e videiras
A Europa assim o ordenou
E o "Deus" outra vez fez asneiras
E todo o sector assassinou.

Ter-se-à esquecido ele
Que o povo não passa sem vinbo?
Portugal deve vingá-se nele
Dar-lbe um murro, partir-lbe o focinbo
Depois desta lusitana traição
O Governo novo convite lbe endereçou
Do seu mandato pediu continuação
Deus Pinbeiro aí, rejubilou!

Com esta história da Europa
Entendamo-nos então de vez:
Pois se somos a Portuguesa tropa
Não me ponham a falar francês.
Senão meu filho dirá a meu neto Pascal
"Ton Grand père est né ici
Dans un ancien pays
Qui s'appelais Portugal".



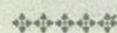
elo Mundo o sangue escorre
Não se acaba a inclemência
Tanta mulber e criança morre!!!
Mas nele, não pesa a consciência
Subarto, por mim proscrito estás
Do inferno te condeno às profundezas
Concerteza por lá, Satanás
Te recebe com grandes gentilezas.

Mas nem só em Timor isto sucede
No Ruanda houve guerra civil
Nenhuma das étnias cede
Continuam sua luta vil.
Em Angola há também guerra
Dos dois lados há grande chacina
Eduardo com Huambo emperra
Savimbi, retalia e não assina

Na Bósnia a receita é a mesma
Negociações de paz é que não falta
De papéis assinados é à resma
As guerras civis estão em alta
A Irlanda livrou-se da guerrilha
Finalmente a paz triunfou
Veremos se a Inglaterra não empecilha
Ou se mais uma cilada armou.

Eis senão quando o "Pai do Mundo"
Se lembra de avançar sobre o Haiti,
Pois em sofrimento profundo
Estava a democracia ali.
O que é que lá foram fazer?
Acaso eram lá chamados?
Só Clinton poderá dizer
Porque meteu o nariz p'ra esses lados.

Deixemos todas as tristezas
Para dar parabéns à Palestina:
Renasceu depois de muitas incertezas
Esse país que foi terra fina.
De Moçambique não me esqueço
Esperemos que depois das eleições
De loucura, não lbes dê um acesso
E voltem às antigas posições.



e falar da nossa terra é bora
Há que saudar os novos Nicolinos
Bemvindos os que vêm de fora
Mas não tentem armar-se em finos!
Pois esta já secular tradição
Não permite jamais ser violada
Por isso ouvi esta lição
Não somos nenhuma caloírada

Estupefacto, eu me apercebi
Que este ano eram só seis,
Na Comissão tão poucos nunca vi
E estar tanta gente aos papeis
"As nossas festas" - falam incessantes.
Os Portugueses, jovens do berço,
Mas já não são como eram dantes
Ficam em casa recitando o terço

Nosso presidente esteve no hospital
Guimarães tremeu por momentos
Essa maldita hérnia discal
Fê-lo passar por tormentos
Agora que está recuperado
Ouça por favor nossa prece
Pois eu sem ser malcriado
Digo: a cidade melhor merece

Melhor que os engarrafamentos
Em que o povo perde a cabeça
Qualquer dia há ferimentos
Aqui bate-se antes que arrefeça
Já o futebol não chegava
Quando veio o hipermercado.
São carros que nunca mais acaba
Num tonto aperto desgraçado

O nosso teleférico estafado
(Lembram-se quando se falou nisso?)
Vai começar o seu fado:
Voar em direcção ao paraíso.
Se calhar já haviam esquecido
Que tal coisa por aqui existia
O que lhe tinha acontecido
Perguntei por todo o lado; não sabia.

A poluição alastra nos rios
Aqui, acolá em todo o concelho,
Senhores empresários não sejam frios
Queremos os rios como um espelho
Todos os dias eles mudam de cor
Às vezes várias cores ao dia
Acabem bem depressa com o pavor
Que a morte de nós todos anuncia.



ão acaba também o "Jordãoogate"
A batata quente ninguém segura
Sôr Teixeira o teatro aproveite
Que o teatro é um naco de cultura!
Porque se arrasta o processo?
Magalhães diz a culpa é do Estado:
Ou o Santana teve um abcesso
Ou com a Torloni está ocupado.

E o nosso estabelecimento prisional
Mantem suas portas abertas
Carcereiros em greve? Não faz mal!
Ob populações estai despertas!
E a fuga do nosso Zé Lingrinbas
Deu para a toda gente mostrar
Que não adianta fazer fosquinbas:
Fugir da cadeia "é o que está a dar"!

O nosso parque da Penha é acusado
Pela Direcção Geral do Turismo
De ter instalações em desconchavo
De lá ir, ser acto de heroísmo.
Ele é muito lixo e maior desarrumação
A manchar o nome da cidade.
Campistas? Vê-los é que não.
Mas deles haverá necessidade?

E o nosso Liceu? Coitadinho,
Abrigo, dá a milhares de alunos.
O estudante lá muito apertadinho
Espera maior espaço, dos tribunais.
O mesmo se diz d'outras escolas
Parecendo ordens mendicantes
Ao senhor ministro pedem esmolas
Mas os pedidos arquivam-se em estantes

O nosso Vitória está na luta
Para preencher os lugares címeiros
Quinto promete labuta
Nem que dê pancada nos traseiros.
Pimenta lá do alto vê tudo
Toda a malta está avisada:
Se ele lança olhar carrancudo
Damásio sairá da sua estrada!



As meninas cá da nossa zona
Cada vez mais joviais estão
Os rapazes começam a vir à tona.
Mãezinbas é pouca a atenção
Delas se esperam as prendas
Nas "maçãs" que é o dia delas!
Ob rapaz de ir não te arrependas
Pega na lança, sebo nas canelas!

De uma singela coisa tenho pena
Sempre que vos vejo solto "ais"
Pois a borrenda noveleira cena
Acabou com os nossos madrigais.
Vêm do Brasil ou da Venezuela
Narram histórias já esfalfadas;
Mas elas se não vêem a novela
Atiram-se da Torre dos Almadas!

A luta pela audiência deu isto
Desliguem aparelhos! Façam greve!
Pois de os ligar eu já desisto
E não o digo de ânimo leve,
Nem R.T.P's, T.V.I's nem S.I.C's
Nem discursos, nem telejornais:
Acabem com limousines e meninas chiques
Podem crer que eu já vi demais!

(Riu-se Marx, agora rio-me eu!
De sua frase perverti o sentido.
A televisão é o ópio do povileu
Até Lenine se teria rido)



Apóstolo se quis este pregão
Duma moralidade já esquecida.
Finda aqui minba reclamação
Ainda que a acheis atrevida.
São Nicolau, este vosso mensageiro
Se entrega já a teus cuidados:
Rouco mas sempre inteiro
Quer dar voz e alma a teus recados!

Afinal bombos e caixas, é agora!
Acabai com esse zunzunar
Porque esta é a solene hora
Que a posteridade vai lembrar.
Peito para fora, levantai a baqueta!
Menino e menina em estéreo
São Nicolau, não quer saber de treta
Ele quer tremer no trono etéreo!

Desancai essas peles de supetão!
Arrimai-lhes com força, Nicolinos
Eu quero uma tal vibração
Que em toda a cidade ressoem sinos!
Assapem nessa tela assolapada
Quero a Olímpica malta acagaçada
Quero de rastos S. Bento e Belém
Dêem com quantas ganas têm!

O Solene momento é chegado
Zimbrai, nesse bombo, certo
Senão nosso Afonso amado
Dar-vos-á com o pau de marmeleiro!

OLHEM PR'AQUI! Tenbo tudo reunido:
O Nicolino velho e o desaparecido
Eles querem ouvir o tambor rufar
QUEREM VER IR TUDO P'LO AR!

In vino veritas
Rui Teixeira e Melo dixit